

Perspectivas e desafios para as políticas públicas: juventude, esporte e lazer em questão.

Fernando Renato Cavichioli.

Cita:

Fernando Renato Cavichioli (2007). *Perspectivas e desafios para as políticas públicas: juventude, esporte e lazer em questão*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1895>

PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS: JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER EM QUESTÃO

Fernando Renato Cavichioli UFPR /CEPELS¹

Aline Barato Cheluchinack UFPR /CEPELS²

Vitor do Nascimento Augusto UFPR /CEPELS³

Nos últimos anos nossos estudos estiveram voltados na análise da produção do conhecimento do lazer por meio da Educação Física, área na qual tramitamos profissionalmente.⁴ Todavia, o que tem nos instigado no atual momento é a investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre dos brasileiros. Neste texto mais especificamente gostaríamos de apresentar alguns resultados sobre a juventude. Dessa forma, o primeiro passo neste texto foi compreender os diferentes olhares sobre o que venha ser juventude.

Posteriormente, buscamos leituras efetuadas anteriormente sobre o tema esporte e lazer, com o intuito de instigar o leitor a conjecturar sobre a utilização de determinadas atitudes que os jovens executam durante o seu tempo livre. Na seqüência apareceu a grande dúvida: poderíamos partir para a investigação qualitativa, observando os processos na aquisição de determinados hábitos, ou, por meio da investigação quantitativa (a qual não fomos treinados para tal). A decisão foi pela pesquisa quantitativa, isto é, nos colocamos numa posição de querer apreender os procedimentos e inevitavelmente correr os riscos inerentes a essa nova tarefa.

O intuito é de fornecer dados aos gestores públicos sobre os principais hábitos de esporte e lazer dos jovens paranaenses. Consideramos um erro compreender que as propostas de ações políticas nesta área possam ocorrer a partir do entendimento que as realidades são homogêneas com relação ao tempo livre e ao lazer.

¹ Doutor em Educação, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador da Rede CEDES.

² Acadêmica do Curso em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e bolsista da Rede CEDES.

³ Acadêmico do Curso em Educação Física em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e bolsista do CNPq.

⁴ Cf. CAVICHIOLO, Fernando Renato Cavichioli. *Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual*. Piracicaba, UNIMEP, 2004 (Tese de Doutorado) Diferentes abordagens do lazer concorrem entre si, rivalizando e disputando o espaço de construção do conhecimento. O objetivo da tese foi evidenciar o conhecimento produzido por algumas das abordagens nessa área. Dessa forma, o trabalho de doutorado versa sobre as abordagens do lazer e detectou algumas das idéias à luz das quais e sob cuja inspiração se desenvolveram os diferentes posicionamentos teóricos. Autores considerados clássicos nas ciências sociais, como Marx, Dumazedier, Parker, Foucault, autores da escola de Frankfurt, entre outros, são investigados a partir da leitura configuracionista.

Dessa forma, procuramos iniciar a coleta de dados por meio de duas cidades que empiricamente apresentam realidades tão distintas. Procuramos expressar algumas diferenças por meio do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Durante a coleta de dados, “as pequenas diferenças” apresentadas na comparação dos índices se tornam muito visíveis e o abismo que separa as duas cidades ficaram bem explícitas.

Isso acaba estimulando este grupo de pesquisadores no sentido de como se processa a aquisição de hábitos de esporte e lazer: será que a cidade que apresenta maior quantidade de equipamentos, apresenta maior quantidade de jovens praticando esporte e lazer? A cidade que apresenta maior investimento na população, apresenta também um índice maior de jovens envolvidos com atividades lúdico-esportivas? Quais são as atividades e locais mais citados para a prática das atividades. Estas e outras questões, compõem algumas das dúvidas que acreditamos não ser exclusivamente nossas, mas também de muitos gestores públicos.

Juventude

No presente capítulo, apresentaremos as características mais marcantes desta fase da vida evidenciadas pela literatura e por pesquisas focadas na juventude. É importante conhecer algumas nuances da população que compõe nosso estudo, a fim de realizar uma análise mais embasada dos dados obtidos através da aplicação dos questionários.

Mas, afinal, o que é a juventude?

Existem posicionamentos diversos em relação à faixa etária que corresponderia à juventude, embora haja concordância em vários pontos, como veremos a seguir.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a juventude corresponde a um processo essencialmente biológico de transformações e vivências orgânicas, durante o qual o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade também progridem de maneira mais rápida. Abrange o período da pré-adolescência – que corresponde à faixa etária de 10 a 14 anos - e a adolescência propriamente dita - dos 15 aos 19 anos. Mas cabe aqui uma diferenciação entre puberdade e adolescência: a primeira se refere às modificações biológicas, enquanto a segunda se refere às transformações biopsicossociais.⁵

⁵ HEIDEMANN, 2006.

Tanto o desenvolvimento físico quanto os desenvolvimentos cerebrais, endócrinos, emocionais, sociais e sexuais ocorrem de maneira conjugada, modificando as estruturas físicas, mentais, emocionais, e dando origem a comportamentos e emoções não experimentados anteriormente pelo adolescente ou pelas pessoas que convivem com ele.

Esse período de transformações costuma variar muito de um adolescente para outro, de cultura para cultura e do contexto histórico analisado, sendo praticamente impossível determinar com exatidão quando começa e quando termina a juventude. Há algumas décadas, os especialistas consideravam que a juventude tinha início aos 13 anos e terminava aos 19 anos. Inclusive, foi com base nesse posicionamento que durante muito tempo convencionou-se adotar o termo *teenager* para se referir aos jovens, numa alusão aos numerais cardinais correspondentes aos anos compreendidos nesta faixa etária, em inglês. Atualmente, alguns autores consideram como mais próximo da realidade o período de 11 aos 20 anos – considerando que a juventude começa com a puberdade, com as primeiras alterações corporais e comportamentais, e só finaliza quando o indivíduo assume sua identidade pessoal e profissional. Portanto, no atual momento histórico, poderíamos dizer que aos 11 anos aconteceria o início da juventude, e os 20 ou 22 anos, quando usualmente terminam as etapas iniciais da formação profissional e ocorre um efetivo ingresso no mercado de trabalho, que propicia a independência econômica dos pais, seria o final dela.⁶

Abordagens mais desenvolvimentistas costumam considerar a juventude como um longo período de transição entre a infância e a idade adulta, que envolve grandes e interligadas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Esse período duraria aproximadamente dos 12 ou 13 anos até o início dos 20, embora também reconheçam a dificuldade em estabelecer uma definição clara tanto para seu início como para seu fim. Esta dificuldade mostra-se cada vez mais presente, uma vez que atualmente o ingresso na idade adulta leva mais tempo e não está tão definido. A puberdade tem ocorrido antes do que costumava ocorrer, e o ingresso numa profissão tende a se dar mais tarde.

Todas as mudanças relacionadas a esse período costumam gerar ansiedades nos adolescentes, que parecem adotar como um dos mecanismos de defesa a escolha de “modelos”, de “ídolos” – que normalmente são pessoas com mais idade, e que representariam a estabilidade e o equilíbrio que o adolescente procura: um ídolo da televisão, ou um

⁶ HEIDEMANN, 2006, p.17

professor, alguém que desperte sua admiração e respeito. Mais tarde, à medida que amadurecem, a figura do modelo vai perdendo força e o adolescente encontra sua própria forma de ajustamento.

No trabalho desenvolvido por Heidemann, a família aparece como um modelo a ser imitado de forma consciente ou inconsciente. Esta responsabilidade deveria ser assumida com afinco, pois mesmo vivendo num mundo globalizado, sendo cada dia mais a televisão tem o poder de “divulgar modelos, normas e padrões de comportamento que podem influenciar profundamente a criança e/ou o adolescente, criando hábitos, atitudes e pensamentos que poderão guiar sua vida adulta”, é a família a maior responsável pelo posicionamento e visão de mundo do adolescente.⁷

Heidemann acredita que existe um grupo de adolescentes que não apresenta nenhuma tendência descobrir, questionar ou buscar sua existência. São aqueles que, segundo a autora, se acomodam no modelo capitalista da *geração ter*, que preconiza o *aparentar* e o *ter* como superiores ao *ser*. Esses adolescentes são mais nítidos em classes economicamente mais favorecidas, nas quais o poder de compra supre as necessidades do *ter*. O *ter* minimiza o *ser*, encobre o *ser* e o equilíbrio só é atingido à medida que o *ter* é saciado. Mas a autora ressalta que em classes economicamente menos favorecidas também é possível encontrar representantes da *geração ter*. A necessidade do *ter* procura se saciar dentro das condições econômicas reais, através de extravagâncias e endividamentos, ou através da fantasia e da imaginação e, quando não possível, provoca no adolescente alterações de comportamento como o fatalismo, o conformismo e a não expectativa de futuro, por não haver possibilidade de sustentar as necessidades do *ter*.⁸

Esses jovens da *geração ter* são os alvos preferidos das estratégias de mídia e seus objetivos de vendas de produtos. A maior parte costuma trocar de celular todo ano, têm computadores sempre atualizados, estão sempre à frente das novas tecnologias que serão lançadas no mercado e aí por diante. Parecem não ter tempo para crises existenciais, afinal, o tempo deles parece curto para tantas coisas a fazer.⁹

Tais valores socioculturais observáveis na sociedade moderna tiveram seu início a partir do processo de industrialização dos anos 50-60, que ocasionou mudanças profundas no

⁷ Id., *ibid.*, p.23

⁸ Id., *ibid.*, p.28.

⁹ Id., *ibid.*, p. 29

modo de vida das pessoas. Preocupações com a estética e a auto-imagem passaram a movimentar as academias de ginástica e os suplementos alimentares. De acordo com a autora, todo esse “culto ao corpo” pode melhorar a saúde do adolescente, por um lado, ao motivá-lo para a prática de exercícios, ou criar sérios problemas de saúde com a utilização de dietas específicas inadequadas ou ainda o uso de drogas como anabolizantes, por exemplo.¹⁰

Papalaia e Olds relatam os variados indicadores considerados pela sociedade americana contemporânea como efetivação do ingresso na idade adulta. Segundo elas, existem as definições legais (maioridade penal); as definições sociológicas (que considera o fato de se tornar auto-suficientes, ter uma carreira ou se casar); definições psicológicas (relacionadas à maturidade emocional, que depende de independência dos pais, desenvolvimento de um sistema de valores e de identidade, e capacidade de formação de relacionamentos).¹¹ A questão central da juventude parece ser a busca de identidade, que vai estabelecer as bases necessárias para enfrentar as crises da vida adulta. A identidade é formada à medida que os indivíduos conseguem resolver três questões importantes: “a escolha da ocupação, a adoção de valores nos quais acreditar e segundo os quais viver, e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória”.¹²

Durante a adolescência, a idade realmente tem se mostrado um poderoso “agente de vinculação”, mais poderoso do que a raça, a religião, a comunidade ou o gênero. Isso talvez explique o fato de que os adolescentes passam a maior parte de seu tempo livre com os amigos, com os quais se identificam e se sentem à vontade. Papalaia e Olds tiveram a oportunidade de observar que os valores fundamentais da maioria dos adolescentes permanecem mais próximos dos valores de seus pais do que geralmente se supõe. Suas impressões se juntam a pesquisas mais recentes, que constataram que a maioria dos jovens se sente próxima de seus pais e tem uma imagem positiva deles, além de mostrarem opiniões semelhantes em questões importantes e valorizarem sua aprovação.¹³

Os adolescentes tendem a escolher amigos que sejam como eles, que tenham os mesmos valores, as mesmas crenças, e os amigos costumam influenciar uns aos outros para se tornarem ainda mais parecidos. Durante a adolescência, fazer parte de um grupo é

¹⁰ Id., *ibid.*, p.93

¹¹ PAPALIA e OLDS (2006)

¹² Id., *ibid.*, 343

¹³ Id. *ibid.*, p. 356

fundamental, pois é o grupo de amigos que representará uma importante fonte de apoio emocional, de afeto, solidariedade e compreensão. Além disso, é um lugar de experimentação em variados aspectos, um ambiente que propicia a conquista de autonomia e independência emocional dos pais, e os relacionamentos íntimos que nele possam surgir também servem como “ensaio” para os relacionamentos íntimos na idade adulta.

De acordo com as autoras, novas pesquisas realizadas em diferentes regiões do mundo captaram a existência de diferenças culturais no papel desempenhado pelo grupo de amigos: adolescentes afro-americanos mantêm relacionamentos familiares mais íntimos e relações com amigos menos intensas do que os adolescentes brancos. Os estudantes americanos eram mais inclinados a ir a festas, sair para dançar, ir ao cinema, freqüentar concertos ou eventos esportivos, participar de atletismo ou assistir televisão juntos; já os chineses e japoneses passavam mais tempo estudando com os amigos ou simplesmente não fazendo nada.¹⁴

Em pesquisas realizadas pela UNESCO foi adotado o termo *juventude* em lugar de *adolescência* para se referir ao período de transição e passagem da infância à condição de adultos. Apesar dos diferentes termos, também o descreveram como período de importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, sendo que tais mudanças podem variar de acordo com as diferentes sociedades, culturas, etnias, classes sociais e gênero. Esclarecem que no caso de pesquisas científicas, que tenham por objetivo comparar a situação dos jovens em diferentes contextos, convencionou-se estabelecer “*ciclos de idade*”. Do ponto de vista demográfico, os jovens corresponderiam a “uma determinada faixa etária que varia segundo contextos particulares, mas que, geralmente, está localizada entre os 15 e os 24 anos”. Essa faixa etária adotada em estudos realizados pela UNESCO em todo o mundo foi definida em 1985, durante a Assembléia Geral das Nações Unidas, no Ano Internacional da Juventude¹⁵

Também fazem questão de ressaltar que, apesar da diversidade de abordagens, o debate não é muito intenso em relação ao limite de idade inferior do período de juventude ou adolescência – pois há consenso sobre considerar como início o surgimento de caracteres sexuais secundários na puberdade. Mas, no estabelecimento do limite superior de idade, surgem dúvidas, pois as fronteiras da juventude em relação à fase adulta “são de fato difusas”.¹⁶

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 361.

¹⁵ UNESCO, 2005, p.25.

¹⁶ Id., *ibid.*, p.23

Os pesquisadores envolvidos concordam que, a partir dos enfoques biológico e psicológico, a juventude estaria simplificada definida como o período que comporta desde o momento em que se atinge a maturidade fisiológica até a maturidade social. Mas, uma vez que nem todos os indivíduos de uma mesma idade passam por esse período agindo e reagindo da mesma maneira, surge a necessidade de adotar outras dimensões de análise, a partir da sociologia e da ciência política. “A juventude tem significados distintos para pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, e é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias”.¹⁷ Este seria um dos motivos para a utilização do termo ‘*juventudes*’ no plural, tendência observada em outros trabalhos realizados por institutos de pesquisa do Brasil e que focam o tema.¹⁸ Numa perspectiva de psicologia social, a adolescência costuma ser entendida como um estágio intermediário entre a infância e a idade adulta – uma espécie de “fase de preparação” para ser adulto – e como período transitório durante o qual as responsabilidades são menores.

O jovem se caracteriza por uma indefinição de seu papel social, que lhe confere um “*status* intermediário e provisório”, e que tem como consequência uma forma ambivalente de tratamento: hora encarado como criança, hora como adulto. Segundo Ferreira Salles, o conceito de adolescência e adolescente “é invenção própria da sociedade industrial, considerando-se que não é um conceito universal, mas ligado à sociedade industrial, às leis trabalhistas e ao sistema educacional, que torna o jovem dependente dos pais”.¹⁹ A autora reforça o fato de que o período da adolescência tende a se prolongar, principalmente na chamada ‘classe média’, devido à progressiva extensão da atividade acadêmica e conseqüente adiamento da independência econômica dos filhos em relação aos pais.

Considera que o desenvolvimento satisfatório do adolescente depende de diversos fatores, tanto de ordem individual, como histórica e social, que são específicos da cultura na qual o adolescente está inserido, e que determinam suas diferentes formas de ser. Consideramos a forma como o esporte e o lazer se manifestam culturalmente, como fator importante para compreender os sentidos próprios da juventude. Antes de analisarmos os

¹⁷ Id., *ibid.*, p.25

¹⁸ Cf. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2004, e ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2005.

¹⁹ FERREIRA SALLES (1998), p.46

questionários vamos abordar algumas correntes teóricas relevantes para o esporte e o lazer, que possam nos auxiliar na compreensão das diferentes formas de ser na juventude.

O lazer e o esporte como distinção social

Com o livro intitulado “A teoria da classe ociosa”,²⁰ Veblen tornou-se um clássico na literatura das Ciências Sociais. Nesta obra, o interesse central concentra-se nos temas ligados à estratificação e mobilidade sociais e ao surgimento da classe ociosa. A classe ociosa, surgiu no interior das classes altas, marcadamente por pessoas que não exerciam as atividades industriais. O que nos interessa aqui, primeiro, é a discriminação de ocupações, traço marcante para o surgimento da classe ociosa. A ocupação dessa classe, apóia-se em quatro elementos: atividades governamentais, guerreiras, religiosas e esportivas. Segundo, que a acumulação de riqueza e propriedades é um fator importante de diferenciação social, todavia ela não é suficiente para alcançar prestígio.

Os componentes da classe superior têm que patentear, aos olhos da sociedade, seu distanciamento com relação as atividades produtivas. Esta manobra ocorre justamente nas atividades consideradas lazer: ocupações não-industriais (ligadas a proeza): a política, ao espetáculo, a guerra, o domínio das boas maneiras, o domínio de línguas, e outros hábitos que possam atestar que o indivíduo dispensa tempo e dinheiro, aprimorando suas habilidades em ocupações que são consideradas dignas, na medida em que resulta em utilidade para o agente, o aumento do conforto físico, que o consumo de bens proporciona.²¹

Portanto, o consumo para Veblen apresenta duas hipóteses; a) atendimento tanto das necessidades físicas do consumidor (conforto material) como das suas necessidades espirituais, estéticas e intelectuais; , b) ocorre devido a emulação. A posse da riqueza (propriedade) confere honra. Na sociedade industrial os hábitos dos seres humanos convergem para a acumulação de bens (sinônimo de sucesso). Isso modifica o hábito de pensar, ou seja, no lugar das façanhas predatórias entra o ato de acumular. Assim como, a propriedade se torna a base convencional da estima social, isto é, nenhuma posição honrosa na comunidade é

²⁰VEBLEN, Thorstein B. *A teoria da classe ociosa*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

²¹Em comparação com as atividades industriais, consideradas rotineiras: o trabalho na indústria, o esforço para criar e transformar a matéria passiva e bruta, isto é, todo ato que não envolva proeza, é considerado indigno cabe ressaltar que Veblen tal discriminação entre proeza e trabalho rotineiro é ofensiva e injusta. Entretanto, cabe a ele entender a sociedade como ela é, e não como ele deseja que esta venha ser.

possível sem ela. Em síntese: a posição social se estabelece pela riqueza e um certo padrão de proeza.

Ter lazer é um sinal de riqueza. Por meio dele (consumo conspícuo), é possível obter respeito e demonstrar força pecuniária e força superior. Mostra que a classe ociosa pode despendar tempo para tal atividade, e esta não se constituir em trabalho. Isso se torna um hábito mental associado a honra e nobreza. O consumo conspícuo, significa que o consumo de qualquer bem, serve basicamente para manter o prestígio social, o *status*. Dessa forma, para Veblen as pessoas efetivamente se ocupam e se preocupam com a exibição conspícua de lazer.

Veblen nos mostrou por meio de um estudo da economia a importância dos esportes e do lazer na sociedade moderna. O interessante é que o autor não conviveu com os grandes espetáculos esportivos do século XX: as olimpíadas modernas, as olimpíadas de inverno, os campeonatos mundiais de voleibol, basquetebol, natação e, sobretudo com “as copas do mundo do futebol”. Também, não conhecia os grandes parques temáticos, os esportes de aventura e o tempo livre sendo abarcado pela indústria cultural.

Nossa hipótese é que Veblen, por não conhecer todo esse desenrolar do século das mudanças, pode nos mostrar o significado, a difusão, a formação dos hábitos de consumo e a importância do ócio. Isso sem esquecer que as críticas ao autor tem suas limitações com relação ao tempo-espaço e a área de formação. Veblen apresenta a idéia de que algumas mudanças psicológicas ocorreram gradativamente durante muitos séculos. A sociedade moderna está alicerçada no princípio da propriedade por si só, não confere honra. Há necessidade de demonstrar tal riqueza perante os demais. Se em fases anteriores a proeza era o componente que dava honra, agora temos a rivalização por meio do consumo, sendo completado pela a proeza e façanha. Veblen aponta a falsa individualidade e indica que muito daquilo que é constituído como hábitos de lazer é decorrente das relações de poder construídas no interior de processos culturais.

Concentrando-se na teoria configuracionistas, e como são definidas a maneiras como as pessoas se comportam com relação ao consumo, optamos em utilizar os estudos de Mike Featherstone.²² Ele assinala que as pesquisas dirigidas aos deslocamentos e a transformação da noção de cultura, não deveriam estar atentas a escassez, mas sim ao excesso de produtos e

²² FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 222p. (Coleção cidade aberta. Série Megalópolis)

mercadorias. Basicamente essa vertente convida os pesquisadores a pensar em contraposição as teorias inspiradas nas noções de racionalização, mercantilização e modernização da cultura. No interior desse convite Featherstone coloca em evidência um novo ângulo de entendimento, que está centralizado no desfrutar desse excedente, espaço tradicionalmente caracterizado pela possibilidade de ocorrer transgressões e protestos:

A tradição popular dos carnavais, feiras e festivais proporcionava inversões e transgressões simbólicas da cultura “civilizada” oficial e estimulava a agitação, as emoções descontroladas e os prazeres físicos grotescos, diretos e vulgares da comida farta, da bebida embriagante e da promiscuidade sexual. Esses eram espaços “liminares”, onde o mundo era posto de cabeça para baixo, os tabus e as fantasias eram permitidos, sonhos impossíveis poderiam se realizar.²³

Vários locais podem ser tomados como lugares que proporcionaram um duplo papel: lugar de expor a mercadoria e diversão. As feiras livres, as lojas de departamento ou os parques temáticos, se constituíram em espaços de desordem ordenada, que reelaboraram os controles emocionais frente a nova forma de viver. É preciso disciplina e controle para transitar nos lugares que expõe as mercadorias, contemplar, olhar e não agarrar, aproximar-se das pessoas sem se sentir ameaçado. As mercadorias e as imagens podem evocar perturbações, desejos e prazeres, mas é necessário manter o autocontrole. Assim os seres humanos aprenderam a controlar mais facilmente as oscilações entre a ordem e a desordem, a consciência do real e a fantasia. Em suma, a forma de se movimentar nestes locais, requer um alto grau de controle das emoções.

Para Featherstone, a cultura de consumo da atualidade parece estar ampliando as situações e os contextos em que os comportamentos são aceitáveis, pois as pessoas cada vez mais adotam uma postura aberta às formas de expressão emocional:

A cultura de consumo da atualidade não representa nem um lapso do controle, nem a instituição de controles mais rígidos; mas, antes, a corroboração dos controles por uma estrutura gerativa subjacente flexível, capaz de lidar ao mesmo tempo com o controle formal e o descontrole, bem como facilitar uma troca de marchas confortável entre ambos.²⁴

²³Id., *ibid.*, p. 42-43.

²⁴Id., *ibid.*, p. 48.

Portanto, na sociedade contemporânea, existe menos interesse em construir um estilo coerente do que em expandir a série de estilos já conhecidos, como alta cultura e cultura popular, e jogar com essas possibilidades.

Por meio destes autores podemos indagar até que ponto o consumo pode ser decisivo na questão da aquisição de hábitos. “Não somos mais uma sociedade capitalista que se explica apenas pela produção e circulação de mercadorias; Veblen já no século passado indicava a natureza desta problemática. O consumo, neste século, é central para a compreensão de inúmeros fenômenos, especialmente relativo aos espetáculos esportivos e aos estilos de vida”.²⁵

Portanto, se por um lado a sociologia na sociedade contemporânea está associada contra o pano de fundo da ascensão do racionalismo, que compreendeu a cultura principalmente como um reflexo do capitalismo ou da indústria, por outro lado, há tentativas de compreender a dimensão cultural cotidiana, ao investigar como se dá o relacionamento entre a produção e circulação das teorias e a produção e circulação mais ampla das experiências culturais cotidianas. Em suma, temos que explicar dois aspectos: o teórico e o cotidiano, abrangendo as mudanças na produção, consumo e circulação de bens e práticas culturais. A sugestão é que a sociedade deveria ser compreendida em termos de processos em curso no âmbito da dinâmica das relações entre grupos de pessoas. Isso requer uma pergunta: quem são os produtores e os transmissores dos bens simbólicos da atualidade.

Dois significados de cultura podem confundir: primeiro, ligado antropologia ou ao cotidiano, no sentido que de que todas as sociedades envolvem práticas de representação, e segundo, o significado de alta cultura, cujo poder do especialista cultura se sobrepõe a partir do século XVIII, dando origem a uma esfera relativamente autônoma, com pretensões de produzir orientações culturais para as práticas sociais. Portanto, as pesquisas passam pelo longo processo de competição e as interdependências entre aqueles que transmitem a cultura de mercado, de consumo ou de massa, e da cultura erudita.

Algumas abordagens indicam que o capitalismo do século XIX é muito mais uniforme que no atual momento. Isso é uma falsa dicotomia que implicitamente considera a cultura das

²⁵GEBARA, Ademir. Veblen, Adorno e as Bicicletas. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Lazer e Dança. *Coletânea*. Ponta Grossa: Departamento de Educação Física, Departamento de História e Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, nov. 2002.

sociedades tradicionais como íntegra e uniforme, e trás conseqüências para análises atuais, porque considera a cultura popular relativamente ingênua. Alguns pesquisadores ressaltam essa tentativa de pensar para trás, para um ponto fictício de estabilidade e unidade orgânica pré-industrial, entretanto deixam de analisar a natureza complexa e estratificada da cultura popular, como os carnavais, as feiras e os festivais. Assim, é um equívoco, procurar no mundo pré-industrial as bases para aplicar no mundo contemporâneo.

Em vez de sucumbirmos as abordagens que enaltecem essa visão nostálgica deveríamos reconhecer como a cultura é transmitida e manipulada por vários grupos, numa disputa de como os signos são apropriados e usados de acordo com os interesses particulares. Dessa forma, na seqüência deste texto, vamos procurar detalhar como ocorre a experiência cotidiana da juventude com relação à um campo específico da vida cotidiana: o esporte e o lazer.

Metodologia

Na elaboração deste projeto procuramos construir um instrumento que fosse além daqueles já sistematizados e adequadamente aferidos pelo IBGE, tais como os de: renda, escolarização ou acesso ao mercado de trabalho. Assim, sem deixar de entender que existem inúmeros fatores que modificam o quadro geral de como vivem os jovens e os adultos brasileiros, buscou-se centrar a investigação no esporte e no lazer. Nessa perspectiva, foram o questionário abrange quatro blocos temáticos (descritos logo abaixo). O desenho amostral foi elaborado para representar jovens de ambos os sexos, de 14 a 19 anos e freqüentadores do Ensino Médio das Escolas da Rede Pública de Ensino dos municípios com mais de 100.000 habitantes no Paraná.

As Escolas avaliadas foram escolhidas de acordo com a sua dimensão e localização. As entidades que apresentaram maior número de alunos de acordo com os arquivos da Prefeitura Municipal e do Núcleo Regional de Educação do Estado do Paraná, das regiões central e periférica de cada cidade com mais de 100.000 habitantes, serão incluídas na pesquisa.

O número de indivíduos da amostra foi estabelecido pela Equação na qual a população pesquisada não ultrapassa 100.000 elementos. A seguinte fórmula possibilitou uma amostra (**n**) fiel às características do universo em questão:

$$n = C^2 \cdot p \cdot q \cdot N / E^2 \cdot (N-1) + C^2 \cdot p \cdot q$$

Todas as variáveis foram determinadas com fundamentação nas Leis Estatísticas²⁶. O Grau de Confiança Estabelecido (C^2) foi 2, ou seja, foram considerados dois desvios-padrão na “Curva de Gauss” em relação à média da população, indicando que 95,5% da seleção é confiável.

A Percentagem com que o Fenômeno se Verifica (p) foi de 27, estimando-se que, após esse percentual de população avaliada, o restante ou Percentagem Complementar ($q=73\%$), inicia um processo de repetição de resultados.

A variável N representa a população geral estudada, ou seja, o número total de alunos com idades entre 14 e 19 anos que freqüentam Escolas da Rede Pública de Ensino.

O Erro Máximo Permitido (E^2) – normalmente calculado entre 3 e 5% em pesquisas sociais – utilizado no estudo foi de 5%, possibilitando, assim, uma margem de erro condizente com a referida população.

Utilizamos a técnica de investigação por meio do questionário porque apresenta uma série de características que corroboram com a viabilidade da pesquisa:

- ✓ possibilita atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas em diferentes segmentos de uma ampla área geográfica;
- ✓ garante o anonimato das pessoas;
- ✓ não expõe os pesquisadores à influência das opiniões dos entrevistados;

Os alunos que respondem aos questionários são definidos aleatoriamente. As turmas visitadas são indicadas pelo diretor ou responsável de cada instituição de Ensino seguindo os critérios de heterogeneidade de nível econômico e maior número de alunos disponíveis por sala de aula.

Para trabalhar nesta pesquisa, os acadêmicos escolhidos receberam instruções específicas sobre a temática abordada. Participaram de um pré-teste em escolas da região metropolitana de Curitiba, o que, além de contribuir para seu treinamento, possibilitou ajustes no questionário.

²⁶ Cf. GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 107.

O questionário estruturado – apropriado a estudos quantitativos desta natureza – totaliza cerca de oito questões, organizadas em quatro grupos: o primeiro, sobre os dados pessoais; o segundo, acerca de atividades rotineiras e outras que normalmente se distanciam das ordinárias (lazer); o terceiro, a respeito dos locais mais freqüentados e o quarto, com referência ao desejo dos personagens no que tange às práticas de esporte e lazer, quanto àquilo que realmente praticam e, por fim, sobre quem normalmente promove tais práticas e as principais barreiras para a não participação efetiva. Os blocos não seguem a ordem das questões. Foram evitadas questões abertas (tendo somente duas), objetivando efetivar um processo de tabulação mais eficiente. Para tanto, também foi desenvolvido um programa através do qual – após a digitalização dos dados – se obtém a tabulação dos mesmos e os gráficos. Tem-se assim, um relatório completo dos dados coletados, os quais poderão ser analisados pelos leitores.

Caracterização dos Municípios

Propositalmente buscamos na região de Curitiba duas cidades que são importantes para a região metropolitana, mas que têm suas especificidades e contradições tão aparentes. A primeira cidade pesquisada foi Piraquara. O município foi formado no ano de 1885, todavia sua dependência em relação a capital do Estado do Paraná é muito marcante no dia a dia.

A cidade é reconhecida pela sua importância no fornecimento de água para região metropolitana de Curitiba. Dessa forma, as restrições para o desenvolvimento sempre fizeram parte da história de Piraquara, isto é, como grande fornecedora de água, deve prevenir qualquer ação que envolva a degradação ambiental. Quando o distrito de Pinhais que fazia parte de Piraquara tornou-se o maior centro populacional do município, este foi desmembrado em 1992 e é criado o município de Pinhais. Esta região era o único lugar onde havia a possibilidade de instalação de indústrias e conseqüentemente era responsável por boa parte dos recursos financeiros de Piraquara. Com o desmembramento a arrecadação de Piraquara cai vertiginosamente e as dificuldades aumentam consideravelmente.

Hoje, próximo dos 100 mil habitantes, Piraquara vem assumindo características ímpares para o desenvolvimento da região. Não só por ser o maior fornecedor de água dos municípios próximos como pelo crescimento populacional de famílias que se instalam aqui

pelo baixo custo de vida, mas que trabalham em Curitiba e outras cidades da região metropolitana.

O segundo município pesquisado foi Araucária. Esta cidade data de 1890, e desde 1972, com a instalação da refinaria Presidente Getúlio Vargas, há um crescimento bastante acelerado, invertendo a tendência do município que até então apresentava características rurais e passa a ser um grande pólo industrial, como pode ser observado desde a criação do Centro Industrial de Araucária (CIAR). A população se aproxima dos 115 mil habitantes.

Para melhor ilustrar as diferenças sociais entre as cidades, adotamos como parâmetro o índice de desenvolvimento humano (IDH), que significa a medida comparativa de pobreza, alfabetização, educação, esperança de vida e natalidade e outros fatores para diversos países do mundo.²⁷ Para se ter uma idéia o IDH médio do Brasil é de 0,792, o que significa que ocupa a posição de número 63 no ranking mundial. Isso é considerado como um índice mediano. (o índice mediano varia de 0,5 a 0,799). No caso de Piraquara o IDH médio é de 0,744 ocupando a posição de número 183, entre os 399 municípios do Estado do Paraná. No índice de desenvolvimento educacional aponta 0,859. Para termos de comparação o IDH educacional do Paraná é de 0,879. Isso reflete uma taxa de analfabetismo igual a 1,6% da população paranaense. A cidade de Piraquara apresenta um ponto percentual acima para a taxa de analfabetismo, isto é, 2,6% na faixa etária de interesse dessa pesquisa (de 14 a 19 anos).

No ranking regional, Araucária ocupa várias posições acima se comparada a Piraquara, isto é, está na posição de número 23, com IDH médio de 0,801. No índice de desenvolvimento educacional é um dos maiores do Paraná apresentando o índice de 0,901. A taxa de analfabetismo entre 14 e 19 anos é de 1,1%.

A renda *per capita* do Estado do Paraná é de R\$ 321,39. Como era esperado o município de Piraquara apresenta uma renda *per capita* bem abaixo dos valores estaduais, isto é, de R\$ 208,82, ocupando a posição de número 151. A arrecadação municipal fica perto dos 41 milhões de reais. Isso possibilitou um investimento em esporte e lazer de 2,5% da arrecadação²⁸.

²⁷ Cf. o site <http://pt.wikipedia.org/wiki/idh>

²⁸ Cf. BASSO, Daniel. GUIMARAES; Louisiana. PRIVADO; Robson.Reis. Araucária e Piraquara: Uma Análise Comparativa de Gestão Pública Para O Esporte E Lazer. In: Anais/ X Congresso História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança; II Congresso Latinoamericano de Historia de la Educación Física, Curitiba: Unicenp, 2006.

Já a cidade industrializada de Araucária, obtém a posição de número 81, o que significa uma renda *per capita* de R\$ 242.06. A arrecadação do município é por volta de 240 milhões de reais. O investimento em esporte e lazer é de 1,5%, sendo 2/3 desse valor destinado ao esporte de rendimento e 1/3 destinado ao lazer²⁹.

O índice de desenvolvimento humano médio de renda no Paraná é de 0,736. Esse parâmetro mostra uma diferença considerável, pois o índice de Piraquara é de 0,664. Se compararmos o valor apresentado do estado do Paraná com o município de Araucária não há grande diferença, pois o índice é de 0,689.

Durante a coleta de dados notamos a discrepância existente entre os índices citados acima. O IDHM – Educacional na prática reflete um abismo muito mais distante do que os 0,042 pontos percentuais podem suscitar. As condições físicas dos estabelecimentos de ensino visitados despertaram as atenções. O material didático e as condições das salas de aula e mesmo a motivação dos profissionais contrastava entre as duas cidades, pendendo favoravelmente para o município de Araucária.

Também é visível o investimento com relação aos equipamentos de esporte e lazer. Em Araucária tivemos a oportunidade de constatar diferentes espaços de esporte, lazer e cultura. Por sua vez, Piraquara apresentava pouquíssimos espaços para atividades esportivas e recreativas, quando existentes é de dúbia qualidade. Isso será verificado na análise dos dados, onde os adolescentes da cidade de Piraquara demonstram seu desejo por espaços públicos estruturados para a prática de esporte e lazer.

A discussão que gostaríamos de promover mais adiante no texto é: quais são os hábitos referentes a esporte e lazer para jovens de 14 a 19 anos, em condições contrastantes e específicas nestes dois municípios paranaenses. Empiricamente podemos supor que a falta de condições para a prática esportiva com relação aos equipamentos públicos de Piraquara pode limitar decisivamente as realizações destas práticas. Também a discrepância em termos de investimento por habitante – Piraquara investe cerca de R\$ 53,00 por habitante e Araucária chega ao total de R\$ 230,00 por habitante, lembrando que estamos comparando o investimento global e não o investimento destinado ao esporte e lazer – pode influenciar nas possibilidades de formulação e operacionalização de programas públicos na área em questão. Com estas

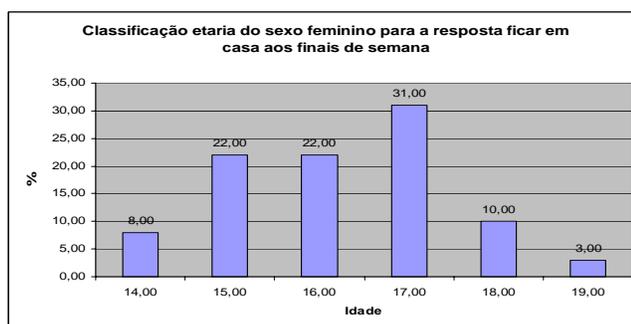
²⁹ Id., *ibid.*

questões em evidência, passamos à análise da pesquisa quantitativa sobre estes dois municípios.

Análise dos dados

A primeira questão se refere as atividades realizadas aos finais de semana, os quais hipoteticamente há maiores unidades de tempo livre se comparados com as atividades rotineiras que ocorrem durante a semana. Dos jovens que responderam na cidade de Piraquara contabilizamos que 52,54% passam os finais de semana no espaço casa.

Destacamos que há uma diferença aparente entre os gêneros: o número de adolescentes que realizam esta atividade aos finais de semana do sexo feminino é 2/3 maior se comparado aos adolescentes do sexo masculino. Interessante destacar as ambigüidades que esta questão nos revela. As meninas na faixa etária de 14 anos e de 18 e 19 são as menos passam os finais de semana no espaço casa. Foi detectado que as meninas de 17 anos são as que mais procuram este espaço para passar os finais de semana.



Mas, as meninas de 17 anos apontaram para outras atividades que contemplam o praticar esportes, visitar parentes (que na verdade recai sobre o espaço casa) e atividades ao ar livre.

Para os adolescentes do sexo masculino além de ficar no espaço casa, a principal atividade destacada foi com relação aos esportes. Há uma grande diferença entre os gêneros, 84,75% dos respondentes eram do sexo masculino. Na faixa etária pesquisada, os adolescentes de 17 anos são os que mais realizam tal atividade. Diferente com que ocorre com as meninas, os meninos não tem o hábito de passar os finais de semana em casa. A atividade menos citada nesta questão para ambos os sexos foi viajar.

Araucária apresenta os seguintes dados. Assim como na cidade anterior o espaço casa foi o mais citado, com 45,02% dos respondentes. Há outra semelhança, as adolescentes do sexo feminino são as que mais freqüentam este espaço, mantendo a proporção da cidade de Piraquara, que foi de 2/3. Em Araucária as meninas de 14 anos são as que mais freqüentam este espaço aos finais de semana. Novamente os esportes são as atividades mais citadas em segundo lugar, seguido de visitar os parentes, viajar ou fazer atividades ao ar livre.

Para os adolescentes do sexo masculino, a principal atividade são as ligadas aos esportes. Os garotos de 14, 15 e 16 anos apresentam o maior índice na procura por atividades esportivas. Podemos indagar que conforme se aproxima da próxima faixa etária (adultos) há menor quantidades de tempo livre. Destacadamente os esportes ocupam grande parte do tempo dos adolescentes, ao passo que: visitar parentes, atividades ao ar livre, viajar, são atividades que não se configuram como habituais.

A segunda questão se refere aos espaços mais freqüentados pela juventude. Espera-se que o acesso a esses espaços faça parte de uma política pública democrática. Os espaços públicos são os mais frequentados

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BASSO, Daniel. GUIMARAES; Louisiana. PRIVADO; Robson Reis. Araucária e Piraquara: Uma Análise Comparativa de Gestão Pública para o Esporte e Lazer. In: Anais X Congresso História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança; II Congresso Latinoamericano de Historia de la Educación Física, Curitiba: Unicenp, 2006.
- CAVICHIOILLI, Fernando Renato Cavichioli. *Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual*. Piracicaba, UNIMEP, 2004. (Tese de Doutorado)
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 222p. (Coleção cidade aberta. Série Megalópolis)
- GEBARA, Ademar. Veblen, Adorno e as Bicicletas. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Lazer e Dança. *Coletânea*. Ponta Grossa: Departamento de Educação Física, Departamento de História e Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, nov. 2002.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VEBLEN, Thorstein B. *A teoria da classe ociosa*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Sites pesquisados

<http://pt.wikipedia.org/wiki/idh>